

certo comprazimento irônico que ganha corpo na sua poesia pode encontrar o seu reverso.

É o que acontece quando se atinge uma tonalidade que vai revelar uma maior interiorização, a qual, como se pode ver no poema que se segue, acaba por se revelar quase dolorosamente sem que comprometa o próprio desenvolvimento verbal do poema, sempre contido em si mesmo: “Junto à praia/ éramos quatro percorrendo a marginal (eu/ escutando meu pai/ a minha sombra atenta escutando a/ sombra dele). Conversava com o meu braço com/ lenta/ dificuldade e dava os primeiros passos/ desde o lúgubre hospital/ com o tímido receio de estar a incomodar./ Um passo de cada vez. Não era/ de dizer tudo mas/ o que dizia era nítido -/ ainda guardo a memória (uma imagem/ fotográfica) de me ensinar a andar esperando/ com um abraço do/ lado direito da alma. Um passo de cada vez./ Hoje avanço sozinho/ pelo muro da mesma praia/ (a sombra que a meu lado parece/ saber o caminho/ lembra muito a sombra dele). Só tenho de/ ir aonde me leva”. Esta linguagem sóbria, medida na sua simplicidade que é a do que é essencial, representa agora o reverso da figuração irônica que tantas vezes aparece neste livro.

Livro este que se intitula *Nómada*. Não será por acaso. Cada poema é também um caminho por onde os leitores, que nómadas são também no ato de leitura, passam sabendo que há “uma história maior por trás/ da que conhecemos”. JL

num momento de meta-narrativa em que o autor é confrontado por um editor anónimo. Algo que, se calhar, deveria ter acontecido mais vezes.

Não é possível hoje puxar as orelhas a Relvas, como não o foi no passado. Mas esta é uma edição essencial para se entender o seu percurso, e alvíssaras são devidas à Turbina/Mundo Fantasma, e a Júlio (M)oreira e Margarida Mesquita, por um serviço que transcende memórias pessoais. Já agora: alguém que edite a página de Fernando Relvas na Wikipedia. Merece mais. JL



Argumento e desenhos de Fernando Relvas

**O ESPIÃO ACÁCIO**

Turbina/Mundo Fantasma. 120 pp., 22 Euros

# Cristovão Tezza

## Um grande romance do contemporâneo



DESTINO BRASIL

Miguel Sanches Neto

Com a publicação de *O filho eterno* (2007), romance de autoficção sobre o conflito interior de um pai em relação a um filho portador de Síndrome de Down, Cristovão Tezza se tornou um dos expoentes da ficção brasileira. Chegava ao estrelato literário com uma obra já consolidada, nascida sob a influência da contracultura, mas com um amadurecimento estético consistente. Da contracultura, o autor guardou a aversão ao sistema, seja ele qual for, o que lhe garante uma postura crítica saudável em um meio pouco profissionalizado em que os intelectuais são cooptados por benesses. O filho eterno consagrava assim, tardiamente, toda uma trajetória, criando um novo desafio para o autor então com 55 anos: refundar a sua ficção.

Evitando o estilo confessional desta obra pautada pela própria experiência – apesar do disfarce de um narrador em terceira pessoa –, Tezza buscou uma latitude estética mais complexa, criando romances declaradamente reflexivos: *Um erro emocional* (2010), *O professor* (2014) e *A tradutora* (2016). Nestas narrativas, e principalmente em um ensaio sobre a sua própria ficção – *O espírito da prosa* (2012) –, ele reelaborou um modelo que poderíamos definir como parentético. Vão sendo abertos sucessivos parênteses (imaginários ou não), de tal forma que o texto cria uma simultaneidade de tempos, histórias e vozes. A evolução narrativa se dá no constante recuo e retomada de tensões inconfessadas publicamente por seres com a vida privada em estado de desorganização. Neste processo, o presente da história se mescla com cenas carregadas de dramas morais. O tempo breve do agora, fixado realitadamente, é implodido pelo tempo interior do personagem. Há um tempo por fora e um tempo por dentro dele, que o coloca em descompasso com as pessoas, determinando o movimento lento da narração.

Os personagens de Tezza estão sempre neste espaço dual da ação que se vive contemporaneamente e da ação que se revive como



obsessão memorialística. É deste jogo (antes/agora, convívio/isolamento, lembrança/ação) que surge um estilo com cenas e falas sobrepostas, em um relato que avança permanentemente entrecortado.

O ápice desta fase da obra de Cristovão Tezza está em seu mais recente romance – *A tirania do amor* (São Paulo: Todavia, 2018). O fluxo-refluxo dos factos encontram marcações em frases em itálico, em uma sucessão constante de fragmentos da experiência de um economista que vive do mercado financeiro, embora seja um mestre irrealizado da matemática.

O modelo dual de tempos narrativos tem uma equivalência na identidade de Otávio Espinhosa, que se experimenta em papéis dúbios. Do jovem gênio ao filho que recusa o pai desonesto, do pai esquivo ao amante de uma herdeira rica, do aluno de Harvard ao profissional medíocre, ele é sempre dois e ao mesmo tempo ninguém. Nada exprime melhor esta natureza cindida do que a dualidade de Espinhosa como Kelvin Oliva. Aquele é o homem com uma profissão apagada e com ramificações ilícitas, sofrendo com a mediocridade. Este, o autor, sob pseudónimo, de um livro de autoajuda – apresentado falsamente como filósofo.

A escrita de um livro por parte do personagem em conflito, justi-

ficativa para a existência, é tema recorrente na obra de Tezza, para marcar a vitória da vida autêntica sobre os engodos sociais que nos envolvem com suas promessas de alegria. Mas aqui o livro é mais um engodo, pois está dentro do mecanismo mercantil da produção editorial. A obra que o salvaria é *Os funcionários da Coroa*, uma explicação do país por sua lógica estatizante, um trabalho académico abandonado, e que sinaliza a interrupção de um talento. Na crise da meia idade, o personagem se vê supérfluo em uma estrutura cheia de falsificações. Ele avalia seu passado e o saldo de honestidade de sua vida, sem saber que rumo tomar.

Tudo no romance acontece em um dia de tensão máxima. Tanto a vida pessoal quanto a vida profissional de Espinhosa começa a ruir. Ele sai de casa cedo, a pé (no centro financeiro de São Paulo) para a sua odisseia matemática. Conta cada passo do trajeto, para criar um sistema confiável (tantos passos até tal ponto da viagem cotidiana) e tira instantaneamente a raiz quadrada dos números que vê, como uma forma de autocontrole.

Em meio a um bombardeio de problemas, persegue quixotescaamente um ponto de equilíbrio interior. Neste dia, ele se confronta com muitas tormentas: a falência do casamento, a iminência de se

relacionar seriamente com outra mulher, a perda do emprego, um projeto de guinada profissional (que não passa de uma nova farsa), o desafeto do filho ativista mantido pelos pais burgueses, a suspeita de estar envolvido na corrupção investigada pela Operação Lava Jato da Polícia Federal, etc. Espinhosa tenta desativar estas situações adversas usando a lógica, o que lhe traz alguma tranquilidade.

O jogo permanente do romance se localiza entre o movimento e a paralisação. Espinhosa é obrigado a modificar a vida, mas não sabe para onde ir. Só há um momento de integração verdadeira na história – um almoço com a filha adolescente. Ela quer seguir uma profissão em que se sinta realizada. E conversa com pai sobre isso e sobre o fim do casamento dele, escolhendo um caminho que Espinhosa não tomou, o da autenticidade. Mesmo assim, o romance acabará sob uma legenda desafiadora – “a burguesia fede” –, que ele encontra escrito no muro. E isso funciona como uma acusação a ele, que apenas trilhou a trajetória burguesa padrão.

Ao mesmo tempo em que foca as relações afetivas em ruína, o romance também faz uma incursão pela política contemporânea brasileira, em uma crítica à tendência para a vida dependente do Estado, tanto dos indivíduos quanto das corporações. A tirania do amor é um dos nossos raros romances que tratam do agora, tendo como pano de fundo a crise moral do Brasil, e Tezza empreende isso sem concessões a campos ideológicos, a discursos politicamente corretos e a conveniências intelectuais. Ele usa o seu personagem para estudar a sociedade brasileira, vista como pátria das vocações desperdiçadas. Esta luta entre o que se é e o que se torna percorre todo o romance, sem deixar de retratar de forma cosmopolita o homem afeito a autoenganos.

Se há uma organicidade deste título com a obra anterior de Tezza, manifesta-se uma mudança de cenário bastante significativa. Seus livros sempre estiveram vinculados a uma geografia pessoal (o Paraná, onde vive, e Santa Catarina, onde nasceu e morou por um tempo). Tal mudança cria uma ampliação do espectro ficcional, refletindo a crescente internacionalização de uma obra que pensa o contemporâneo a partir do Brasil.

Nenhum outro ficcionista brasileiro atingiu este grau de liberdade mental para construir um discurso literário sobre o país, independentemente das narrativas ideológicas ativadas em uma cultura que se expressa por chavões. A tirania do amor é um romance que apresenta o impasse de uma nação com um modelo comportamental imóvel desde a época do Império. JL